



RESENHA CRÍTICA

FILME: “A CORRENTE DO BEM”¹

CRITICAL REVIEW

FILM: "THE POWER OF GOOD"

Egeslaine de Nez²

RESUMO:

Esta resenha tem como objetivo analisar criticamente o filme A corrente do bem que retrata a história de um professor e de seus alunos na Educação Básica. O professor da trama incita os alunos a desenvolver um trabalho para proporcionar uma mudança no mundo em que vivem, essa seria a atividade para um semestre letivo, mas dependendo do envolvimento das pessoas, poderia se transformar num projeto de vida. A metodologia utilizada foi pesquisa teórica sobre as temáticas relativas à relação professor aluno, bem como num segundo momento uma discussão coletiva, numa das sessões do Cinema Universitário do Projeto de Extensão Formação Continuada dos Egressos e Licenciados do Departamento de Computação, do Campus Universitário Vale do Teles Pires em Colider/MT, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Os resultados encontrados sinalizam uma sensibilização dos professores envolvidos na atividade para a busca de melhoria das atividades desenvolvidas no espaço escolar. Assim, a sala de aula transforma-se num espaço de relações pedagógicas e a relação professor-aluno deixa de ser uma relação vertical e de imposição, para ser compreendida como um momento de construção de um conhecimento coletivo e participativo.

PALAVRAS-CHAVE: Professor, aluno, relação pedagógica, sensibilização.

ABSTRACT:

This review aims to critically examine the current of the film and it portrays the story of a teacher and his students in Basic Education. The teacher's story encourages students to develop work to deliver a change in the world they live in, this would be the activity for one semester, but depending on the involvement of people, could become a life project. The methodology utilized was theoretical research on issues concerning the relationship between teacher and student, and a second time a group discussion, one of the sessions of Cinema University Extension Project of Continuing Education Alumni and Graduates of the Department of Computer Science, University Campus Valley Teles Pires Colider/MT, at the State University of Mato Grosso (UNEMAT). The results indicate an awareness of the teachers involved in the activity in the search for improvement of activities within the school. So the classroom becomes a space of

¹ Essa resenha crítica foi produzida a partir das discussões teóricas do Projeto de Extensão Formação Continuada dos Egressos e Licenciados do Departamento de Computação do Campus Universitário Vale do Teles Pires – Colider/MT, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), bem como analisada nas sessões de cinema do subprojeto intitulado: “Cinema Universitário”, realizadas no decorrer do semestre letivo de 2010/02.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Pedagoga e Especialista em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário Vale do Teles Pires (Colider/MT) e Coordenadora do Projeto de Extensão Formação Continuada. E-mail: e.denez@yahoo.com.br.



pedagogical relationships and teacher-student relationship is no longer a vertical relationship and imposition, to be understood as a time to build a collective knowledge and participatory.

KEY WORDS: Teacher, student, teaching relationship, awareness.

O filme “A corrente do bem” retrata a história de um professor e de seus alunos no início do ano letivo. Eugene Simonet é professor de Estudos Sociais e durante suas aulas fez um desafio aos seus alunos: deveriam desenvolver um trabalho com o objetivo de mudar o mundo. Era uma proposta que instigava uma participação mais ativa no mundo em que viviam para deixá-lo melhor. Todos trouxeram idéias, algumas até interessantes, outras nem tanto. A maior parte deles desenvolveu atividades sobre o meio ambiente, sem muita inovação.

Porém, um de seus alunos, Trevor McKinney se destaca criando um jogo, em que a pessoa, a cada favor recebido, tinha que retribuir para outras três pessoas, e assim sucessivamente. Seu trabalho tinha como base transformar a vida das pessoas, ou seja, mudar realmente o mundo. Foi chamado por ele de "Pay it forward", traduzindo “Passe adiante”.

Eugene ficou surpreso com a idéia de Trevor e começou a discutir com os alunos, para colocá-la em prática em sala de aula e também na escola, não imaginando que ele iria concretizá-la na vida real. A princípio o desafio do aluno foi quase impossível de ser realizado, pois o seu trabalho era bem complicado, visto que dependia de muitas pessoas, conforme o gráfico que o aluno fez para explicá-lo para sua turma. Ele fez várias tentativas e teve muitas decepções na execução do projeto.

Um dia ao voltar para casa após a aula, Trevor resolveu ajudar a primeira pessoa que encontrasse no caminho, um homem (drogado) que estava procurando alimentos no lixo, e levou-o para casa dando-lhe o que comer e o que vestir.

Arlene McKinney, a mãe de Trevor foi sua segunda tentativa. Trabalhava fora o dia todo, pois precisava sustentar o filho e a casa uma vez que seu marido a abandonou. E, por motivo dos problemas diários começou a beber. Chegava em casa cansada e não dava atenção ao filho. Numa noite, sua mãe descobre que havia um estranho em casa, fica furiosa, conversa com Trevor e fica sabendo que o acolheu por causa de um trabalho escolar do professor de Estudos Sociais.

Ela vai até a escola para reclamar com o professor que descobre que o aluno levou o trabalho bem a sério, querendo realmente mudar a vida das pessoas. Assim, o aluno tinha cumpriu a primeira etapa do jogo e ajudou um indivíduo, que arrumou emprego e estava agora tentando ajudar sua própria mãe (a segunda pessoa).



Sua terceira investida era seu professor, que era introvertido. Trevor armou um encontro dele com sua mãe que estava sempre sozinha, e ele teria um pai e uma pessoa para conversar. Tudo estava correndo tranqüilamente, quando o ex-marido de Arlene resolveu aparecer e ela o aceitou de volta. Porém, ele tentou agredí-la novamente, e resolveu abandoná-lo definitivamente e ter uma vida feliz ao lado de uma pessoa que a respeitasse (Eugene).

Trevor foi determinado em seu desafio, mesmo com dificuldades que teve ao ajudar as três pessoas que havia tomado como ponto de partida para o seu trabalho. Mas, sua maior preocupação não era a atividade escolar, e sim a mudança que procurava realizar na vida dessas pessoas. Ele também queria executar seu projeto no espaço escolar, pois tinha um amigo que era agredido por meninos maiores e sempre apanhava, mas nunca teve coragem de ajudá-lo e isso o angustiava.

Com o passar dos meses, a notícia do Passe Adiante já tinha se espalhado, a primeira pessoa (o estranho) ajudado por Trevor já estava fazendo o mesmo por outra (a corrente tinha dado certo), sua mãe também perdoou sua avó que não os via há muito tempo (mais uma vez a corrente estava acontecendo). Assim, seu projeto teve grande proporção e atingiu pessoas de outros lugares, chegando ao conhecimento de um repórter Chris Chandler, que queria desvendar esse mistério.

Chandler foi até a escola entrevistar o aluno e seu professor e saber como surgiu a idéia do Passe Adiante. Trevor respondeu as perguntas deixando a todos emocionados. Ao saírem da escola, ele avistou seu amigo sendo novamente agredido pelos meninos, uma coragem enorme se apossou dele, e foi ajudá-lo, mas foi brutalmente atingido por um estilete que o outro menino carregava. Ele não resistiu aos ferimentos e morreu. Pessoas de outros lugares ficaram sabendo da corrente, e de quem foi a idéia de salvar o mundo. Vieram de todas as partes do país para fazer vigília em frente à casa de Trevor, como uma forma de gratidão para jamais esquecer de “passar adiante” o respeito e amor ao próximo.

Neste filme, a ficção mostra uma lição de vida que deveria ser aplicada na vida real. Mudar o mundo não é uma tarefa fácil, mas pode-se mudar uma enorme quantidade de coisas na vida de cada um, dos alunos, e da comunidade educacional.

Idéias são maravilhosas, sempre. O problema mais difícil é colocá-las em prática. E Trevor fez isso. Tem-se uma infinidade de obstáculos para enfrentar, mas há que se manter a cabeça erguida e seguir em frente. Parar no meio do caminho, ou dar ouvido às pessoas que falam que nada vai dar certo, não é uma boa opção. A melhor maneira que existe é alcançar os



objetivos, “sem medo de ser feliz”. Deve-se seguir em frente. Rejeições sempre existem, mas o importante é a batalha para formar bons cidadãos para a vida e para o mundo!

Destaca-se neste filme, que é essencial para o educador, compreender a importância que o professor tem na vida de seus alunos, pois sua ação docente deve ser coerente com a realidade destes. Trevor mostra o valor que o professor tem perante a sociedade e a seus alunos e o poder que possui em transformar suas vidas.

Essa marca pode ser boa ou ruim, depende de como o professor desenvolve suas atividades dentro do espaço escolar, podendo acontecer de forma incorreta, prejudicando-os ou de maneira a ajudar, melhorando suas ações na sociedade no qual estão inseridos. Cada professor, porém, desenvolve o seu próprio estilo, que é o reflexo da sua atitude e relação ao processo de ensino aprendizagem, conforme a sua personalidade e a sua compreensão e percepção dos alunos que fazem parte de sua vida cotidiana.

Isso faz lembrar Saint Exupéry (2006) na sua obra inesquecível “O Pequeno Príncipe”, que enfatiza:

Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, pois cada pessoa é única e uma não substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, mas não vai só; leva um pouco de nós mesmos e deixa um pouco de si mesma. Há os que levam muito. Há pessoas que nada levam, há os que deixam muito e há os que nada deixam. Essa é a maior responsabilidade de nossas vidas [...] (p. 78).

Neste sentido, o professor é aquele que dá direção ao processo de ensino e aprendizagem, e assume o papel de mediador entre a cultura elaborada e em processo de acumulação pela humanidade, é o mediador entre o coletivo da sociedade, construído historicamente, e o aluno. Então, exerce o papel de ponte entre o conhecimento universal da sociedade e o conhecimento particular do educando, deixando marcas evidentes nestes.

Luckesi (1993) indica que o professor deve ter a “arte de ensinar”, é necessário assim, um desejo de ensinar, é preciso querer ensinar aos seus alunos. Por isso, torna-se também importante, além da competência teórica, técnica e política, uma paixão pelo que se faz que se manifeste, ao mesmo tempo, de forma afetiva e política.

Daí vem a “arte de ensinar”, que nada mais é que um desejo permanente de trabalhar, das mais variadas e adequadas formas, para a elevação cultural dos educandos. Cabe, então, ao professor, a iniciativa de criar ou aprimorar um ambiente necessário para o exercício de uma



atitude dialógica³. É através dela que o professor poderá atingir seus alunos, seu pensamento, sua imaginação, seus necessidades intelectuais.

O educando, como o educador, é caracterizado pelas múltiplas determinações da realidade, ou seja, é um sujeito ativo que, pela ação, se constrói. Ele é um membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo socialidade, historicidade e praticidade.

Neste sentido, Luckesi (1993), também caracteriza o aluno como sujeito, capaz de construir-se a si mesmo. O educando, é um sujeito que precisa da mediação do educador para construir sua cultura, para tomar em suas próprias mãos a cultura espontânea que possui, para reorganizá-la com a apropriação da cultura elaborada.

Na escola, o educador deve compreender que o educando é um sujeito, como ele, com capacidade de ação e de crescimento, pois então, é um sujeito com capacidade de aprendizagem, conduta inteligente, criatividade, avaliação e julgamento.

Assim, a sala de aula transforma-se num espaço de relações pedagógicas. Diante disso, a relação professor-aluno deixa de ser uma relação vertical e de imposição, para ser compreendida como um momento de construção de um conhecimento que possa até ser coletivo e participativo (KULLOK, 2002), conforme se verificou na relação entre Eugene e Trevor.

Veiga (1991) colabora destacando que a sala de aula é o espaço no qual professores e alunos se encontram e interagem na construção do conhecimento, e é este relacionamento que faz a diferença na vida dos alunos, professores e escola, que faz com que brilhem e saiam do anonimato.

Os sujeitos da aprendizagem, professor e aluno, são constituídos nas relações afetivo-histórico-social que otimizam construção e reconstrução do saber em uma perspectiva pedagógica que compreenda a diversidade cultural da sociedade brasileira..

Portanto, ser docente implica numa auto-construção, como ser humano e, conseqüentemente, como ser professor. Assim, a ação docente é construída na interação, considerando-se a vivência de cada ser e a sua própria experiência. A prática educativa se insere nessa realidade social, cultural, econômica e política, fazendo-se necessário ao educador o desenvolvimento de habilidades que lhe permitam desenvolver um trabalho ético e comprometido socialmente.

³ Ver mais sobre em Freire (1987).



Isto porque a formação do indivíduo é, pois, construída nas relações sociais, e a relação do educador com o educando não ocorre de forma isolada, ao contrário, se dá na interação com a família, a escola e com a sociedade.

Referências:

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KULLOK, M. G. B. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- SAINT EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. 48. ed. São Paulo: Agir, 2006.
- VEIGA, I. P. A. (org.) **Repensando a didática**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1991.